



Lutas na Educação Física escolar brasileira: características e possíveis tendências da produção científica

Flávio Py Mariante Neto¹

Nicole Marcelli Nunes Cardoso²

Daniel Giordani Vasques³

¹ Universidade Luterana do Brasil, Faculdade de Educação Física, Canoas, RS, Brasil. E-mail: flaviomariante@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: nicolem.nunes@hotmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) E-mail: daniel.vasques@ufrgs.br

RESUMO. O ensino de lutas na educação física escolar é imprescindível, mas enfrenta desafios devido à falta de formação acadêmica e à associação com a violência. Com isso, o objetivo desse estudo é refletir e analisar as práticas de lutas na escola no Brasil. Para tanto, selecionamos e analisamos 18 textos escritos sobre a prática pedagógica de lutas na escola, para um dossiê temático organizado por uma revista brasileira. Como resultados, encontramos a participação predominantemente masculina entre os autores, uma diversidade de elementos regionais dentro do trabalho docente e novas propostas metodológicas para o ensino das lutas. Nossas discussões apontam para novos caminhos, mais inclusivos e possíveis para o trabalho de lutas na escola, respeitando as idiosincrasias culturais. Conclui-se que os trabalhos de organização de dossiês temáticos são fundamentais como aprofundamento de questões específicas do campo e, no caso específico das lutas, suscitou reflexões importantes para o desenvolvimento profissional e acadêmico.

Palavras-chave: Lutas, Escola, Metodologia, Professores.

Fight content in Brazilian school Physical Education: characteristics and possible trends in scientific production

ABSTRACT: Teaching fights in school physical education is essential, but faces challenges due to the lack of academic training and the association with violence. Therefore, the objective of this study is to reflect and analyze fighting practices at school in Brazil. To this end, we selected and analyzed 18 texts written about the pedagogical practice of fights at school, for a thematic dossier organized by a Brazilian magazine. As results, we found predominantly male participation among the authors, a diversity of regional elements within the teaching work and new methodological proposals for teaching fights. Our discussions point to new, more inclusive and possible paths for fighting work at school, respecting cultural idiosyncrasies. It is concluded that the work of organizing thematic dossiers is fundamental in deepening specific issues in the field and, in the specific case of struggles, it has raised important reflections for professional and academic development.

KEYWORDS: Fights, School, Methodology, Teachers.

Lucha en la Educación Física escolar brasileña: características y posibles tendencias de la producción científica

RESUMEN. Enseñar peleas en educación física escolar es fundamental, pero enfrenta desafíos por la falta de formación académica y la asociación con la violencia. Por tanto, el objetivo de este estudio es reflexionar y analizar las prácticas de lucha en la escuela en Brasil. Para ello, seleccionamos y analizamos 18 textos escritos sobre la práctica pedagógica de las peleas en la escuela, para un dossier temático organizado por una revista brasileña. Como resultados, encontramos una participación predominantemente masculina entre los autores, una diversidad de elementos regionales dentro del quehacer docente y nuevas propuestas metodológicas para

las luchas docentes. Nuestros debates apuntan a caminos nuevos, más inclusivos y posibles para luchar contra el trabajo en la escuela, respetando las idiosincrasias culturales. Se concluye que el trabajo de organización de dossiers temáticos es fundamental para profundizar cuestiones específicas en el campo y, en el caso específico de las luchas, ha suscitado importantes reflexiones para el desarrollo profesional y académico.

Palabras clave: Peleas. Escuela. Metodología. Maestros.

Introdução

No Brasil, uma série de documentos normativos e acadêmicos da educação têm reconhecido as lutas, artes marciais ou esportes de combate como conteúdo da Educação Física a ser tratado pedagogicamente no ambiente escolar. A obra Metodologia do Ensino da Educação Física (Soares et al. 1992), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1997), as propostas de Rufino (2012, 2014) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) são exemplos de coletâneas que visam a reconhecer a importância do trabalho pedagógico com lutas na escola, mas que, além disso, em uma perspectiva de intervenção, apontam problemáticas do campo e sugerem possíveis tratamentos pedagógicos do objeto. Esses trabalhos são, em certa medida, consequências do reconhecimento da importância das lutas na sociedade brasileira; ao mesmo tempo, se tornam marcos que possibilitam e legitimam a incrementação das lutas como conteúdo. Apesar disso, parece ainda haver dificuldades para a efetiva e regular implementação das lutas no “chão da escola”.

Uma das razões apontadas para isso trata dos argumentos que associam o ensino de lutas com o aumento da agressividade e da violência entre os estudantes. Estudos, ao contrário, apontam que tal associação é um estigma (Almeida, Costa, Venâncio e Sanches, 2021), uma distorção do ensino das lutas (Ueno e Souza, 2014), e que as práticas pedagógicas na escola devem distanciar as lutas da ideia de violência (Moura, Silva, Araujo, Sousa e Parente, 2019). Não há dúvida que o elemento central do ensino das lutas é atingir, derrubar ou imobilizar o adversário, no entanto, isso só pode ser feito dentro de regras, relativamente rígidas, que preveem precisamente o controle da violência. Outro argumento empregado para sustentar a dificuldade de implementação das lutas na escola trata da dificuldade dos professores em atuar com esse conteúdo. Certos estudos mostram desconfortos docentes em trabalhar com lutas, sobretudo porque não tiveram componentes curriculares na sua formação inicial (Hegele, González e Borges, 2018), e ressaltam a importância da formação continuada para o trato desse conteúdo (Borges, Fernandes, Cisne e Ferreira, 2021). Alguns estudos destacam também a falta de infraestrutura nas escolas (Rufino e Darido, 2015) e propõem que o formato das disciplinas de graduação deve ser alterado para privilegiar abordagens estruturadas em similaridades e nos princípios das lutas (Matos, Hirma, Galatti e Montagner, 2015), e não em abordagens que privilegiem o ensino de uma ou outra modalidade de luta.

Cabe destacar, no entanto, que nas últimas três décadas houve uma série de transformações nas práticas corporais de lutas, na Educação Física escolar, nos movimentos educacionais e na sociedade brasileira que, apesar de tensionadas, apontam para certa direção civilizadora e decolonial (Sousa, Costa e Ehrenberg, 2021), no sentido de direcionar os olhares para as regionalidades - o Brasil é um país de tamanho continental e com traços regionais peculiares - e para as culturas afro-brasileiras e indígenas - afinal, o País é formado por maioria negra e por parcela indígena, povos que foram violentamente massacrados ao longo da história e que tiveram suas culturas, em grande parte, apagadas ou ignoradas. Um marco desses movimentos se deu em 2003, quando foi implementada a Lei 10.639 (Brasil, 2003), que afirmava que todas as escolas deveriam ensinar conteúdos relacionados à história e à cultura afro-brasileiras. O ensino da Capoeira, luta afro-brasileira, ocupou essa função na Educação Física escolar, porém isso se deu de forma limitada, dado que essa é apenas uma das lutas brasileiras e que em algumas realidades escolares nem mesmo a Capoeira era trabalhada. Mais recentemente, professores e pesquisadores brasileiros têm se dedicado a atuar com o ensino de outras modalidades de lutas brasileiras na escola, como a Luta Corporal Indígena (Paiva, Vargas, Justamand, Mousse e Paiva, 2021), a Luta Marajoara (Santos, Gomes e Freitas, 2020) e o Huka-Huka (Lima e Moura, 2022), entre outras. Além disso, o documento normativo mais recente da educação brasileira, a BNCC (Brasil, 2017), sugere o trato pedagógico equivalente entre “lutas do Brasil” e “lutas do mundo”, organização que, apesar de críticas (Neira, 2018), joga luz para práticas corporais que vinham sendo negligenciadas e desconhecidas pelos currículos escolares.

Em paralelo às preocupações com os apagamentos e desequilíbrios no trato pedagógico das lutas na escola, fazem-se necessárias análises sobre as desigualdades na produção científica sobre o tema, já que tais elementos parecem se atravessar. O estudo de Espírito-Santo, Palma, Vasconcelos, Assis e Loterio (2023) reflete uma realidade relativamente conhecida no País, que mostra que a maioria dos pesquisadores no país são homens brancos (65,8%), enquanto mulheres negras são minoria (0,52%), apesar de 56% da população brasileira se declarar negra (IBGE, 2023). Além disso, as desigualdades na produção científica costumam também se reproduzir quando são analisadas a partir das regiões do País onde atuam os pesquisadores, como demonstrado no estudo de Onofre, Colângelo e Lino (2019), que, ao observar a instituição de pertencimento dos primeiros autores de publicações

científicas, verificou que a ampla maioria estava vinculado a Instituições de Ensino Superior das regiões Sul e Sudeste, consideradas mais desenvolvidas economicamente em comparação às regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Nessa perspectiva, cabe destacar que tais regiões setentrionais do País são compostas por populações de maioria negra e indígena, ao contrário das regiões meridionais, de ascendência majoritária branca e europeia, portanto as características regionais se atravessam na reprodução as desigualdades raciais na produção científica, bem como ajudam a ocultar as manifestações de luta de origem afro-brasileira e indígena.

Alguns estudos de revisão se dedicaram a olhar para a produção científica sobre o ensino de lutas na escola. Costa, Lag, Safons e Costa (2019) buscaram analisar, a partir de seis artigos (publicados de 2006 a 2015), os desafios para o ensino das lutas e apontaram a necessidade de mais propostas de ensino, além de destacarem certo distanciamento entre o que se pesquisa e o que se faz nas escolas. Ferreira, Cardoso, Cardoso, Mariante Neto e Vasques (2023) analisaram 38 artigos brasileiros sobre lutas na Educação Física escolar publicados de 2010 a 2020. Os resultados apontaram quatro categorias: 1) espaço e aspectos socioculturais, 2) tecnologias/mídias, 3) currículo e 4) prática pedagógica; as quais destacaram a insegurança docente como um elemento que dificulta a inserção desse conteúdo, e reforçaram a importância da criação de materiais e metodologias para auxiliar o professor. Na literatura estrangeira, chama a atenção a existência de poucas pesquisas sobre o ensino de lutas na escola. O estudo de revisão realizado por Pereira, Foll, Trusz e Farias (2022) mostrou que a maioria dos artigos selecionados (n=6) havia sido publicada (entre 1999 e 2015) em periódicos brasileiros, pelo que consideraram que os pesquisadores brasileiros estão mais preocupados com a introdução das lutas na escola, possivelmente, ainda segundo eles, pela inclusão das lutas nos documentos educacionais brasileiros, como os PCNs (Brasil, 1997) e a BNCC (Brasil, 2017).

Nenhum desses estudos, no entanto, analisou as desigualdades na produção científica. Ademais, todos eles abrangem textos publicados durante as últimas duas ou três décadas, e não têm como foco, portanto, apresentar as tendências contemporâneas da produção científica sobre lutas na escola. Por outro lado, a recente publicação do dossiê “Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate na Educação Física escolar” pela revista científica *Cadernos do Aplicação* representa um estado do conhecimento contemporâneo sobre as lutas na Educação Física escolar brasileira, dado que todos os artigos foram publicados no primeiro semestre de 2023. Sendo assim, perguntamos: Quais as características e possíveis tendências da produção científica brasileira? O objetivo deste estudo é, portanto, analisar as características e refletir sobre possíveis tendências da produção científica sobre lutas na Educação Física escolar brasileira.

Metodologia

Essa pesquisa se caracteriza como um estudo de revisão da literatura, que busca analisar a distribuição da produção científica sobre um determinado objeto e estabelecer relações contextuais. Especificamente, se caracteriza como uma revisão do tipo ‘estado da questão’, que trata de situar como se encontra o tema no estado atual da ciência, o que requer consulta a documentos substanciais afeitos à construção do objeto de investigação. Portanto, a finalidade é delimitar, clarificar e caracterizar o objeto de estudo por meio de levantamento bibliográfico seletivo, restrito aos estudos e parâmetros próximos às especificidades do interesse do pesquisador (Nóbrega-Therrien e Therrien, 2004; Vosgerau e Romanowski, 2014).

Os artigos foram selecionados a partir da publicação de um dossiê em uma revista científica. Os dossiês são espaços acadêmicos produzidos pelas revistas em parcerias com pesquisadores/organizadores reconhecidos pelo campo, que buscam estimular os pesquisadores de uma determinada área de conhecimento a produzirem e submeterem estudos para avaliação pela revista. A chamada para o dossiê “Lutas, artes marciais e esportes de combate na Educação Física escolar” foi publicada em setembro de 2022 e recebeu textos até 30 de março de 2023, tendo ampla divulgação no universo acadêmico da Educação Física brasileira: site da revista, notificação a autores cadastrados no sistema de periódicos da Universidade, grupos de pesquisadores em WhatsApp e Facebook, postagens no Instagram, bem como pelo envio de e-mails às redes de contatos dos organizadores do dossiê. Tratou-se de um dossiê “aberto”, no sentido de que qualquer pesquisador poderia submeter o seu texto. Todos os textos submetidos passaram por um processo de avaliação duplo-cego, conforme as normas da revista.

O periódico *Cadernos do Aplicação* é uma revista científica brasileira publicada e organizada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição que está entre as mais bem avaliadas universidades do Brasil. Essa revista se caracteriza por se preocupar com os fazeres pedagógicos da escola. O foco e escopo indicam que a revista “se destina à divulgação de [...] pesquisas relacionadas à construção do conhecimento em diferentes áreas e problemáticas da Educação Básica” (*Cadernos do Aplicação*, 2023), etapa que, no sistema educacional brasileiro, corresponde aos nove anos do Ensino Fundamental e aos três anos do Ensino Médio. Dessa forma, a revista busca entender o que os professores e pesquisadores vêm fazendo e o que vêm pesquisando em torno da escola. Nessa perspectiva, a política editorial da revista valoriza a publicação de relatos de experiência de professores-pesquisadores que atuam nas escolas, bem como análises e reflexões sobre os fazeres pedagógicos da escola produzidas por pesquisadores do campo.

O corpus de análise é composto pelos 18 textos que integram o dossiê, os quais foram publicados em fluxo contínuo de abril a julho de 2023. Assim, trata-se de um corpo de textos que tem como aproximação entre eles terem sido produzidos e publicados em uma mesma época, no caso, entre o fim de 2022 e o início de 2023. Sendo assim, cabe considerar que todos foram produzidos em determinado período histórico e conjuntura social. A configuração social brasileira de tal período é marcada pelas instabilidades e disputas políticas e, nos universos científico e educacional, pelas lutas pelo reconhecimento de valores humanos e democráticos, e pelo repúdio ao uso da violência e pelo negacionismo como políticas de Estado. Em maior escala, as características contemporâneas desse conjunto de textos possibilitam olhar para transformações e tendências da produção científica sobre o tema na realidade escolar brasileira, a partir dos elementos que têm sido objeto de inquietação de professores e pesquisadores do campo.

Em termos éticos, cabe destacar que todos os documentos analisados são de acesso público no site da revista. Para obter informações de gênero e raça, foi enviado e-mail aos pesquisadores. Para os dados de regionalidade (estado e região do País), foi considerada a instituição de vínculo do primeiro autor. Foram observados o título, autor, tipo de estudo, instrumentos, objetivo, modalidade de luta, e principais resultados e conclusões. A análise descritiva dos resultados está apresentada, a seguir, em forma de tabelas e texto.

Resultados

A tabela 1 apresenta as características detalhadas destes estudos, no qual constam título, tipo de estudo, objetivo, quais práticas corporais são citadas e os principais resultados. Logo, é importante ressaltar que não foram inseridos na tabela o ano de publicação e nem os periódicos por serem estudos escritos especialmente para o dossiê publicado neste mesmo ano de 2023.

TABELA 1 - Características dos artigos.

Título	Autor	Tipo de estudo	Instrumentos	Objetivo	Práticas corporais	Principais resultados/conclusões
Tensões, aprendizagens e reflexões no trato com as lutas na escola: relato de uma experiência de autoformação no Ensino Médio	Furtado (2023)	Relato de experiência	Narrativa	Apresentar algumas reflexões provenientes de tensões teórico-práticas entre certos conceitos estabelecidos no campo acadêmico.	Luta marajoara, Huka-huka, Artes Marciais Mistas (MMA)	1) A luta marajoara e o huka-huka transcendem o conceito clássico de lutas - necessita explorar os contextos e o simbolismos presentes nessas manifestações. 2) O MMA se apresenta como uma esportivização de novo tipo - O conceito clássico de esportivização é insuficiente para explicar esse fenômeno.
Lutas, artes marciais e esportes de combate na Educação Física escolar: conhecimento e crenças de professores do Ensino Médio	Almeida e Rodrigues (2023)	Natureza qualitativa - do tipo exploratória-descritiva	Questionário	Caracterizar o conhecimento e as crenças relacionadas ao ensino de Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate, entre professores do Ensino Médio da rede pública do Distrito Federal	Lutas, Artes Marciais, Esportes de Combate	Conhecimento dos professores sobre as diferenças conceituais é incipiente. Um baixo número de professores conhece o programa de modalidades de esportes de combate presentes nos Jogos Olímpicos. Os dados denotam falhas nos processos formativos, sobretudo na formação inicial.
Relato de experiência no projeto de extensão Educação Física escolar na perspectiva inclusiva: o protagonismo estudantil nas lutas	Fonseca et al. (2023)	Pesquisa-ação	Diários de campo	Relatar a experiência com esgrima e boxe, vivenciada no projeto de extensão Educação Física escolar na perspectiva inclusiva, a partir dos registros dos/as estudantes extensionistas nos diários de campo.	Esgrima, Boxe	As estratégias pedagógicas inclusivas (diversificação de conteúdos e ensino colaborativo) utilizadas são potentes para ampliar a participação dos/as estudantes. Reforça a operacionalização do conceito de inclusão que processualmente construímos no nosso cotidiano.
Luta Marajoara na escola: relatos de uma sequência pedagógica para o 3º ano do ensino fundamental	Santos et al. (2023)	Relato de experiência	Instrumentos/alternativos	Apresentar perspectivas didático-pedagógicas relacionadas à Luta Marajoara e contribuir para sua sistematização nas aulas de Educação Física.	Luta Marajoara	O ensino da Luta Marajoara foi um dispositivo para os alunos valorizarem sua própria cultura. Fez os alunos refletirem sobre o modo como desenvolvem suas identidades. O ensino de Luta Marajoara resultou em uma experiência positiva e criativa para a formação dos estudantes.

“Então vamos aprender a brigar, tio?” Tematizando as lutas em uma escola pública de tempo integral no município de Porto Franco - MA	Neves et al. (2023)	Pesquisa de campo de caráter transversal e interventivo	Diários de campo	Compreender o ponto de vista de crianças do 4o ano do ensino fundamental de uma escola pública de tempo integral na cidade de Porto Franco - MA, acerca das lutas.	Lutas na escola - jogos de oposição	A compreensão inicial das crianças acerca das lutas era associada a condutas violentas, apreendidas no cotidiano, dentro e fora da escola. A distorção na representação das lutas e a associação com a temática violência foi ressignificada após a vivência das atividades propostas.
Cultura das lutas na Educação Física Escolar: por uma educação politécnica no IFSP	Velloso et al. (2023)	Relato de experiência	Narrativa	Apresentar uma experiência político-pedagógica sobre os aspectos históricos, culturais, sociais, políticos e econômicos do mundo das lutas nas aulas de Educação Física Escolar.	Lutas no geral	O processo educativo potencializou uma leitura densa da realidade sobre essa temática. Possibilitou a conscientização dos(das) jovens e uma reflexão sobre a possibilidade de efetivar aulas de Educação Física que contribuam efetivamente para a educação politécnica nos Institutos Federais, com a intencionalidade de tensionar o mundo do trabalho constituído no sistema neoliberal.
As aulas de educação física como espaço de ensino-aprendizagem das lutas: uma experiência docente	Gomes et al. (2023)	Pesquisa qualitativa e do tipo descritiva exploratória	planilha digital	Possibilitar reflexões e discussões acerca do ensino das lutas na escola, oferecendo subsídios teórico-práticos, que foram construídos a partir de uma experiência real e concreta, materializada nas aulas de EF.	Lutas no geral	Currículo “vivo” que possa ser ensinado por qualquer professor de EF e não apenas os que têm formação em lutas. Sugestões de como as lutas podem ser ensinadas na EF escolar por qualquer professor da área Luta “da” escola, diferente da luta formal da academia. A sistematização dos objetivos de aprendizagem, entrelaçada com as competências e habilidades da BNCC visou oferecer alguma estabilidade, previsibilidade e organização para aulas.
Metodologia do ensino das lutas esportivas aplicadas no ensino fundamental	Vidal (2023)	Pesquisa aplicada, quantitativa, descritiva e de campo	questionário o físico durante a entrevista	Investigar qual a metodologia de ensino das lutas esportivas utilizadas pelos professores de educação física do ensino fundamental	Lutas esportivas; Artes Marciais	A maior parte dos professores utilizam o conteúdo de lutas em suas aulas. As modalidades citadas são a capoeira, karatê, taekwondo, boxe, judô, jiu-jitsu e sumô. A metodologia utilizada foi de conteúdos teóricos e práticos sobre o tema. A frequência de utilização das lutas durante o ano letivo é baixa.
Entre ABC's, glórias, pejeas, encontros, desafios: o ensino da Capoeira pela Literatura de Cordel	Gonçalves e Abrahão (2023)	Pesquisa Documental	Visita aos cordéis - em lugares de memória	Problematicar um dos recursos potencialmente importantes para a aprendizagem da capoeira: a literatura de cordel, bem como sugerir prática docente à luz desse gênero.	Capoeira; Literatura de Cordel	Ambas as culturas são Patrimônio Imaterial da Humanidade. A Capoeira com a Roda e os Saberes dos Mestres e a Literatura de Cordel com seus textos impressos. Ambas convergem nas marcas identitárias da região Nordeste. A literatura contribui para descortinar a intolerância religiosa, o preconceito, a discriminação racial, o racismo etc.
Reflexões da docência em disciplinas de lutas: casos de ensino enquanto técnica investigativa	Pereira et al. (2023)	Estudo descritivo com - abordagem qualitativa dos dados coletados	caso de ensino voltado à temática lutas	Averiguar o ensino de disciplinas de lutas por professores universitários considerando a base de conhecimentos	Lutas no geral	A utilização da técnica de casos de ensino oportuniza reflexões e pontos de vista distintos sobre assuntos pertencentes à profissão professor. Olhares preocupados com a formação de futuros professores. Problemáticas apresentadas como ensino da técnica, escolhas e estratégias pedagógicas, além das transformações da prática. Os professores investigados trouxeram suas experiências marcantes a partir da base de conhecimentos para o ensino.
Do modelo clássico de esportivização ao caso do MMA: implicações para a Educação Física escolar	Cardoso e Furtado (2023)	Ensaio teórico	Fontes bibliográficas	Compreender as nuances históricas e contemporâneas que envolvem o conceito de esportivização, bem como suas implicações para a Educação Física escolar.	MMA	Presença de duas manifestações da noção de esportivização: uma ligada às ideias de meritocracia e igualdade de oportunidades e, outra de base eminentemente mercadológica e guiada pela projeção do espetáculo esportivo, como ocorre nas Artes Marciais Mistas (MMA). Esses processos e suas implicações socioculturais devem ser tematizados nas aulas de Educação Física escolar.
A implantação do muay thai como possibilidade educativa na educação física escolar	Urbinati et al. (2023)	Pesquisa-ação	diário de bordo, questionário	Analisar o desenvolvimento de uma proposta de trabalho com o muay thai	Muay thai	As aulas tiveram grande índice de aceitação e participação efetiva dos estudantes. Há grandes possibilidades de se trabalhar com essa modalidade de luta com a faixa etária em questão. Houve dissociação da prática de muay thai da violência. Os estudantes se apropriaram dos elementos histórico culturais e técnicos da modalidade.

Tematização da Luta Marajoara nas aulas de educação física escolar: indícios de uma pedagógica crítica	Lima et al. (2023)	Pesquisa de abordagem qualitativa	diário de campo	Relatar a experiência de um professor de educação física em uma turma do 3º ano do ensino médio com o tema da Luta Marajoara.	Luta Marajoara	Pedagogia crítica que sustentou as atividades de ensino realizadas com os alunos sobre a temática. As lutas podem ser tematizadas e problematizadas nas aulas de educação física de forma crítica e dialogada. Os alunos realizaram uma leitura crítica do mundo sobre práticas da cultura corporal brasileiras.
“Eu vivia me ‘atarracando’ na rua e nem sabia que era luta”: um relato de experiência com o Tarracá em uma escola pública de São Luís – MA	Farias (2023)	Pesquisa de abordagem qualitativa, com intervenção pedagógica	Diário de campo	Apresentar um relato de experiência pedagógica tematizando as lutas em um projeto curricular de uma escola pública municipal situada em uma região periférica de São Luís do Maranhão	Artes marciais, Tarracá - valetudo, Luta corpo-a-corpo	Associação por parte das crianças acerca das lutas relacionadas às mídias, a violência. Houve uma identificação dos sujeitos com elementos culturais presentes no Tarracá e com os gestos empreendidos por Rei Zulu nos ringues.
O jiu-jitsu como tema da produção científica nos periódicos científicos da educação física brasileira	Andrade et al. (2023)	Pesquisa bibliométrica	Principais periódicos científicos brasileiros de Educação Física	Mapear a produção acadêmica sobre o jiu-jitsu difundida nos principais periódicos científicos.	Jiu-jitsu. Arte marcial.	As revistas Movimento, Motrivivência, Revista Brasileira de Ciência e Movimento e a Revista Brasileira de Ciências do Esporte foram as únicas que publicaram sobre o jiu-jitsu. No período do ano de 2010 obteve mais publicações sobre o tema. Jiu-jitsu no campo da Educação Física brasileira tem mais estudos qualitativos. Sobre representações sociais e culturais do esporte.
Ensino online das lutas corporais: relato de um projeto de extensão	Silva et al. (2023)	Relato de experiência	Instrumento de Avaliação Pedagógica do Projeto Online	Apresentar um relato de experiência do processo de elaboração, implementação e avaliação do projeto de extensão “Jiu-Jitsu UESC versus Covid 19”	Jiu-jitsu.	103 inscrições, a maioria de mulheres que nunca praticaram Jiu-Jitsu. No ambiente virtual foi possível abordar conteúdos teóricos e práticos da arte suave. O programa foi avaliado em alto nível de satisfação dos alunos.
Lutas de Matrizes Indígenas e Africanas no CEPAE/UFG: um relato de experiência nos 4 os anos do Ensino Fundamental	Lobo et al. (2023)	Pesquisa participativa	Diário de campo	Discutir o conteúdo “lutas de matrizes indígenas e africanas” com crianças do 4º ano do ensino fundamental, no estágio em Educação Física, da FEFD (Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás.), dentro da constituição curricular da área, em uma pesquisa participativa.	Lutas de matrizes indígenas e africanas; capoeira e a luta marajoara	As lutas indígenas foram: Kuarup, no Alto Xingu, o huka-huka; na Bahia, o derruba o toco, dos Pataxós. A africana foi a capoeira e a luta marajoara. Diálogos entre a pedagogia histórico-crítica e o experimento didático da Dramatização Pedagógica Crítica. Instrumentos de aprendizagem: técnicas e táticas da luta coletiva. Discussões sobre violência - defesa pessoal - lutas. Foi atestado uma apreensão, compreensão e interpretação das lutas de matrizes indígenas e africana com maior propriedade vivencial do tema proposto.
Reflexões e discussões sobre as Lutas segundo a Base Nacional Comum Curricular	Mocarzel et al. (2023)	Pesquisa de natureza qualitativa	Revisão narrativa de literatura,	Trazar luz para 4 blocos dos conteúdos de lutas segundo a BNCC e assim, propiciar reflexões, discussões e sugestões aos docentes de EFE.	Lutas. Artes marciais. Esportes de combate.	a) lutas comunitárias; b) lutas indígenas e afro-brasileiras; c) lutas do Brasil e d) lutas do mundo. Através de atividades psicomotoras, jogos de luta, modalidades específicas ou conteúdos teóricos reflexivos. Permite que os alunos adquiram habilidades e competências desde a prática corporal como defesa-pessoal, autoconhecimento e prevenção-promoção da saúde ou o autocuidado com as lutas.

Fonte: Autores.

Dos 18 artigos analisados, seis são de natureza qualitativa e se consideram estudos descritivos (Farias, 2023; Lima, Jucá, Ferreira e Maldonado, 2023; Pereira, Duek, Scaglia, Graça e Farias, 2023; Gomes, Scarazzato e Fabiani, 2023; Almeida e Rodrigues, 2023; Mocarzel, Cardias-Gomes e Costa, 2023); quatro são estudos de relatos de experiência (Silva, Cardoso, Tavares Junior e Silva, 2023; Velloso, Finatti, Maldonado e Freire, 2023; Santos, Andrade e Freitas, 2023; Furtado, 2023); dois estudos se caracterizam como pesquisa-ação (Urbini, Medeiros e Oliveira, 2023; Fonseca, Peres, Ludovino, 2023); dois possuem caráter interventivo e participativo (Lobo et al. 2023; Neves, Antunez, Souza e Mayrhon, 2023); enquanto os outros quatro artigos apresentam diferentes tipos de estudos: uma pesquisa bibliométrica (Andrade, Silva, Moreira e Triani, 2023), um ensaio teórico (Cardoso e Furtado, 2023), uma pesquisa quantitativa (Vidal, 2023) e uma pesquisa documental (Gonçalves e Abrahão, 2023).

Os principais instrumentos utilizados para coleta de dados foram diários de campos, empregados em seis estudos (Fonseca et al. 2023; Neves et al. 2023; Urbini et al. 2023; Lima et al. 2023; Farias, 2023; Lobo et al. 2023). Três estudos utilizaram narrativas (Furtado, 2023; Velloso et al. 2023), sendo um deles uma revisão narrativa (Mocarzel et al. 2023). Outros três estudos utilizaram como instrumento de coleta questionários, sendo que um deles empregou um questionário físico durante as entrevistas (Vidal, 2023), um estudo utilizou mais de

um instrumento sendo o questionário um deles (Urbinati et al. 2023), e o outro usou somente questionário (Almeida e Rodrigues, 2023). Os demais se utilizaram de instrumentos variados, entre eles instrumentos alternativos (Santos et al. 2023), planilha digital (Gomes et al. 2023), visita aos cordéis (Gonçalves e Abrahão, 2023), fontes bibliográficas (Cardoso e Furtado, 2023), principais periódicos (Andrade et al. 2023) instrumento de avaliação pedagógica (Silva et al. 2023) e um caso de ensino (Pereira, Peres e Ludovino, 2023).

O objetivo principal mais citado pelos achados direcionaram propostas destinadas aos professores, variando na escolha do verbo que se inicia e relacionando o conteúdo das lutas como uma possibilidade de ensino para os professores, totalizando seis estudos, em que se preocupavam com: “caracterizar o conhecimento”, “apresentar perspectivas didático-pedagógicas”, “possibilitar reflexões”, “investigar qual a metodologia”, “problematizar recursos” e “averiguar o ensino” (Almeida e Rodrigues, 2023; Santos et al. 2023; Gomes et al. 2023; Vidal, 2023; Gonçalves e Abrahão 2023; Pereira et al. 2023). Outros cinco autores tinham como objetivo “apresentar” ou “relatar uma experiência” (Fonseca et al. 2023; Velloso et al. 2023; Lima et al. 2023; Farias, 2023; Silva et al. 2023). Dois estudos têm como objetivos “compreender e discutir os conteúdos de lutas com os alunos” (Neves et al. 2023; Lobo et al. 2023). E os demais estudos tinham como objetivo as lutas de fato, seja: “compreender as nuances”, “analisar o desenvolvimento”, “mapear a produção acadêmica”, “trazer luz para os conteúdos” e “apresentar reflexões” (Cardoso e Furtado, 2023; Urbinati et al. 2023; Andrade et al. 2023; Mocarzel et al. 2023; Furtado, 2023).

As práticas corporais mais utilizadas nos estudos foram as artes marciais, com total de sete autores que citam essa luta (Furtado, 2023; Almeida e Rodrigues, 2023; Vidal, 2023; Cardoso e Furtado, 2023; Farias, 2023; Andrade et al. 2023; Mocarzel et al. 2023). Em seguida, os achados apresentam as “lutas de modo geral” como a segunda prática mais utilizada, que se trata de quando os autores não se referem a uma modalidade de luta em específico, e sim no conteúdo de forma ampla (Almeida e Rodrigues, 2023; Velloso et al. 2023; Gomes et al. 2023; Pereira et al. 2023; Mocarzel et al. 2023). Ainda, alguns estudos citam algumas variações dessas lutas: Lutas na escola (Neves et al. 2023), Lutas esportivas (Vidal, 2023), Lutas de matrizes indígenas e africanas (Lobo et al. 2023) e Luta corpo-a-corpo (Farias, 2023). A luta marajoara foi referida quatro vezes (Furtado, 2023; Santos et al. 2023; Lima et al. 2023; Lobo et al. 2023). Logo depois, foram citadas duas vezes o jiu-jitsu (Andrade et al. 2023; Silva et al. 2023), os esportes de combate (Mocarzel et al. 2023; Almeida e Rodrigues, 2023) e a capoeira (Lobo et al. 2023; Gonçalves e Abrahão, 2023). As demais práticas corporais foram citadas apenas uma vez: esgrima e boxe no mesmo estudo (Fonseca et al. 2023), muay thai (Urbinati et al. 2023), Tarracá e vale-tudo no mesmo estudo (Farias, 2023) e huka-huka (Furtado, 2023).

Os resultados vão de encontro com os objetivos, então para os estudos que se preocuparam com apresentar propostas para os professores foram encontrados os seguintes resultados: que o conhecimento dos professores é incipiente para com o conteúdo de lutas e apresentam falhas na formação inicial (Almeida e Rodrigues, 2023); que o ensino das lutas resultou positivamente na formação dos estudantes, apresentando como os professores podem trabalhar (Santos et al. 2023). Em concordância, outros estudos apresentaram sugestões e metodologias, de forma prática ou encontradas na literatura, que os docentes podem utilizar as lutas nas aulas de Educação Física (Gomes et al. 2023; Vidal, 2023; Gonçalves e Abrahão, 2023). Um dos estudos preocupou-se com os futuros professores que estão por vir, com isso analisou o ensino das lutas na formação inicial dos professores (Pereira et al. 2023).

Outros estudos que tiveram relatos de experiência como objetivo, variaram bastante seus resultados obtidos, entre eles as estratégias inclusivas de diversificação dos conteúdos foram potentes para ampliar a participação dos alunos (Fonseca et al. 2023); conscientização dos alunos e reflexão sobre a possibilidade de efetivação da Educação Física escolar para contribuição na educação politécnica (Velloso et al. 2023); que as lutas podem ser tematizadas e problematizadas de forma crítica e dialogada (Lima et al. 2023); que foi possível abordar conteúdos teóricos e práticos em um ambiente virtual (Silva et al. 2023); e uma forte associação, por parte dos alunos, das lutas com a violência e conhecimentos vindo das mídias (Farias, 2023). Seguindo nessa lógica de resultados acerca das percepções dos alunos, dois estudos encontraram resultados semelhantes sobre a compreensão dos alunos sobre lutas estar associada a condutas violentas (Neves et al. 2023; Lobo et al. 2023), ainda que aprendessem no cotidiano dentro e fora da escola.

O restante dos estudos obteve resultados um pouco mais diversificados, entre eles, dois estudos encontraram resultados sobre a esportivização do MMA, através de uma nova noção do conceito, diferente do clássico e até afirmam que este conceito clássico é insuficiente para explicar o fenômeno do MMA (Cardoso e Furtado, 2023; Furtado, 2023). Um dos estudos se refere a resultados voltados especificamente para a prática do muay thai, de encontrarem grandes possibilidades de se trabalhar com a modalidade e ainda fizeram uma dissociação da prática com a violência (Urbinati et al. 2023). Outro estudo foi mais específico sobre os períodos que vêm publicando sobre lutas e ainda sobre o período em que ocorreram mais publicações, que foi no ano de 2010, e que esses estudos foram voltados para a prática do Jiu-jitsu com estudos mais qualitativos (Andrade et al. 2023). Por fim, um dos estudos encontrou resultados sobre as aprendizagens dos alunos ao praticarem lutas na escola, que esses adquiriram habilidades e competências desde a prática corporal como defesa-pessoal, autoconhecimento e prevenção-promoção da saúde ou o autocuidado com as lutas (Mocarzel et al. 2023).

Uma análise resumida dos autores dos artigos encontrados é apresentada na Tabela 2. Os estudos foram caracterizados quanto à instituição pertencentes quando escreveram a pesquisa, estado e região dos primeiros autores.

TABELA 2 - Características dos autores.

n	Autores	Instituição do primeiro autor	Estado e região do país
1	Renan Santos Furtado	Escola de Aplicação da UFPA	Pará - NORTE
2	Maycon Ornelas Almeida;	Secretaria de Educação do DF	Brasília - CENTRO OESTE
3	Heitor de Andrade Rodrigues		
4	Michele Pereira de Souza da Fonseca;	Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro - SUDESTE
5	Mariana Peres;		
6	Raquel Ludovino		
7	Carlos Afonso Ferreira dos Santos;	Secretaria Municipal de Educação de Soure-Marajó	Pará - NORTE
8	Welison Alan Gonçalves Andrade;		
9	Rogério Gonçalves de Freitas		
10	Kelvin Jhonn Dos Santos Neves;	Secretaria Municipal de Educação de Porto Franco – MA	Maranhão - NORDESTE
11	Bruno Fernandes Antunez;		
12	Adriano Lopes de Souza;		
13	Mayrhon José Abrantes Farias		
14	Livia Roberta da Silva Velloso;	Instituto Federal de São Paulo	São Paulo - SUDESTE
15	Vitor Hugo Finatti;		
16	Daniel Teixeira Maldonado;		
17	Elisabete dos Santos Freire		
18	Mariana Simões Pimentel Gomes;	Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas	São Paulo - SUDESTE
19	Juliana Scarazzatto;		
20	Débora Jaqueline Farias Fabiani		
21	Rafael Gemin Vidal	Ugv Centro Universitário	Paraná - SUL
22	Paulo Cesar da Silva Gonçalves;	Colégio Estadual Kleber Pacheco de Oliveira, de Lauro de Freitas (BA)	Bahia - NORDESTE
23	Bruno Otávio de Lacerda Abrahão		
24	Marcos Paulo Vaz de Campos Pereira;	Faculdade de Americana (FAM)	São Paulo - SUDESTE
25	Viviane Preichardt Duek;		
26	Alcides José Scaglia;		
27	Amândio Braga Santos Graça;		
28	Gelcemar Oliveira Farias		
29	Julio Cesar da Silva Cardoso;		
-	Renan Santos Furtado	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Pará - NORTE
30	Keith Sato Urbinati;	Universidade Católica do Paraná	Paraná - SUL
31	Luisa Freitas de Medeiros;		
32	Marcelo Alberto de Oliveira		
33	George Almeida Lima;	Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE)	Ceará - NORDESTE
34	Luan Gonçalves Jucá;		
35	Heraldo Simões Ferreira;		
-	Daniel Teixeira Maldonado		
-	Mayrhon José Abrantes Farias	Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)	Tocantins - NORTE
36	Marconi Silva de Andrade;	Prefeitura Municipal de Salvador.	Bahia - NORDESTE
37	Vinicius Ribeiro da Silva;		
38	Jorge Felipe Fonseca Moreira;		
39	Felipe da Silva Triani		
40	Luiz Henrique da Silva;	Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus, BA	Bahia - NORDESTE
41	Brysa Mendes Cardoso;		
42	Antonio Carlos Tavares Junior;		
43	Beatriz de Jesus da Silva		

44	Pítias Alves Lobo;	Universidade Federal de Goiás	Goiás - CENTRO
45	Gláuber Henrique de Almeida Souza;		
46	Renato Júlio Ferreira Mendes Lima;		
47	Luzivaldo Oliveira dos Santos;		
48	Maria Gabriela Cactano de Oliveira;		
49	Rogério da Costa Filho		
50	Rafael Carvalho da Silva Mocarzel;	UFRJ	Rio de Janeiro - SUDESTE
51	Fábio José Cardias-Gomes;		
52	Paulo Ricardo Gayer Pereira da Costa		

Fonte: Autores.

Em relação aos autores e autoras dos estudos foi possível localizar um total de 52 indivíduos. No que se refere às instituições pertencentes dos primeiros autores dos achados, a maioria disse ser pertencentes a instituições de ensino básico, como escolas públicas, enquanto os demais se vincularam a instituições de ensino superior, de universidades privadas e públicas. Oito primeiros autores se vincularam a escolas de educação básica, em que três são de escolas estaduais/distritais (Gonçalves e Abrahão, 2023; Lima et al. 2023; Almeida e Rodrigues, 2023), três são de escolas municipais (Santos et al. 2023; Neves et al. 2023; Andrade et al. 2023) e os outros dois são de escolas federais (Furtado, 2023; Velloso et al. 2023). Os primeiros autores dos outros dez estudos identificam-se como pertencentes a instituições de ensino superior, sendo cinco deles a universidades federais (Fonseca et al. 2023; Cardoso e Furtado, 2023; Farias, 2023; Lobo et al. 2023; Mocarzel et al. 2023), dois de universidades estaduais (Gomes et al. 2023; Silva et al. 2023) e três a instituições particulares (Vidal, 2023; Pereira et al. 2023; Urbinati et al. 2023).

Sobre a localização dos primeiros autores dos textos, observou-se uma diversificação de regiões do Brasil. Dos 18 estudos, cinco deles têm origem no Nordeste do País: três são da Bahia (Gonçalves e Abrahão, 2023; Andrade et al. 2023; Silva et al. 2023), um do Ceará (Lima et al. 2023) e um do Maranhão (Neves et al. 2023). Outros cinco autores têm origem no Sudeste: três são de São Paulo (Velloso et al. 2023; Gomes et al. 2023; Pereira et al. 2023) e dois do Rio de Janeiro (Fonseca et al. 2023; Mocarzel et al. 2023). Quatro autores são da região Norte: sendo três do Pará (Cardoso e Furtado, 2023; Furtado, 2023; Santos et al. 2023), e um de Tocantins (Farias, 2023). Ainda, dois textos são do Centro-Oeste: um de Goiás (Lobo et al. 2023) e outro do Distrito Federal (Almeida e Rodrigues, 2023). E por fim, os outros dois são da região Sul, do Paraná (Vidal, 2023; Urbinati et al. 2023).

Outras duas questões referentes aos autores analisados foram o gênero e a raça. Para isso, foi enviado para todos os autores dos textos um questionário perguntando com qual gênero se identificavam e com qual raça se autodeclaravam. Obtivemos um total de 25 respostas apenas, dos 52 autores.

Sobre o gênero, dos 25 que retornaram, oito se identificam como gênero feminino, enquanto 17 se consideram do gênero masculino. No entanto, devido ao baixo retorno dos autores, fizemos um trabalho, ainda que impreciso, de deduzir o gênero a partir do primeiro nome, buscando essa informação nos currículos públicos dos pesquisadores no sistema brasileiro de pesquisa Plataforma Lattes. Com isso, foi possível concluir que dos 52 autores, apenas 14 são do gênero feminino.

Com relação aos artigos, somente sete estudos, dos 18, possuem alguma autora mulher (Fonseca et al. 2023; Velloso et al. 2023; Gomes et al. 2023; Urbinati et al. 2023; Pereira et al. 2023; Silva et al. 2013; Lobo et al. 2023). Além disso, apenas quatro deles possuem como primeira autora uma mulher (Fonseca et al. 2023; Velloso et al. 2023; Gomes et al. 2023; Urbinati et al. 2023). Em tempo, cabe destacar que apenas dois textos foram escritos exclusivamente por autoras mulheres (Fonseca et al. 2023; Gomes et al. 2023), enquanto 16 possuem algum homem como autor. Sobre a questão de raça, das 25 pessoas que responderam, 18 se autodeclararam brancas, três pardas, duas pretas e duas amarelas.

Discussão

O presente trabalho elencou algumas discussões sobre a inserção de lutas na escola. Basicamente, podemos inferir que o desenvolvimento dessas atividades em ambiente formal de ensino é circundado por aspectos relacionados à falta de uma formação específica em relação ao professor de educação física (Rufino e Darido, 2015). Segundo essa percepção, há uma limitação de formação do profissional em relação a esse conteúdo específico. As universidades ainda possuem dificuldades em pensar o currículo a partir de uma prática que seja condizente com as especificidades do labor pedagógico.

Além disso, há outra problemática apresentadas na construção teórica da área e que diz respeito à falta de estrutura de algumas escolas, que não apresentariam condições básicas do ensino das lutas. Ademais, a realidade educacional brasileira passa longe de ser considerada ideal para os critérios internacionais de ensino e os problemas

extrapolam as condições estruturais, passando pelos baixos salários, pela sobrecarga de trabalho e pela desvalorização docente.

Apesar disso, os trabalhos escritos para o dossiê apresentam linhas de pensamento que conseguem diminuir os efeitos deletérios que essas dinâmicas sociais podem provocar no processo educacional.

O fato de os trabalhos trazerem os problemas de condução docente em torno das lutas já é um avanço dentro da teoria, na medida em que há uma preocupação em unísono em torno da temática. O fato de haver autores de todo o país com a preocupação de engendramento das lutas com os conteúdos da educação física é fato positivo e profícuo, pois mostra um país com docentes preocupados com o ensino das lutas, nas suas diferentes formas.

Outro fato que se deve levar em consideração é a predominância masculina entre os autores dos estudos. As lutas são um ambiente predominantemente masculino (Thomazini, Moraes e Almeida, 2009) e isso parece materializar-se em relação aos estudos apresentados no dossiê. A dificuldade das mulheres em entrar em um ambiente tradicionalmente masculino parece romper as paredes de academias e centros de treinamento e ser reproduzida, também, no ambiente acadêmico.

Metodologicamente, um problema antigo e relatado por alguns autores (Rufino, González, Darido e Oliveira, 2014) é tematizado: a abordagem do ensino das lutas a partir de modalidades específicas. As especificidades das modalidades são, muitas vezes, um fator pedagógico limitante. Seria pouco provável um professor de educação física ter conhecimento prático de todas as modalidades em que atue, por isso, uma proposta pedagógica mais relativista e que tenha como base elementos gerais das lutas parece ser uma melhor opção dentro do espectro de ensino.

Os trabalhos apresentados vão ao encontro das afirmações do parágrafo anterior. Apesar de haver muitos trabalhos calcados em modalidades como o jiu-jitsu ou o MMA, o trabalho com “lutas em geral” ou “jogos de oposição” é uma aposta metodológica relevante. Se há uma dificuldade de inserção das lutas na escola, relacionada à falta de formação e à relação entre lutas e violência, o trabalho com os ‘jogos de luta’ pode ser um elemento que aponte para um novo caminho de atuação.

Ainda, há outro ponto que precisa ser discutido: as questões regionais são normalmente pouco trabalhadas na prática na escola. O que Souza et al. (2021) chamam de ‘colonialismo’ é uma reprodução de práticas advindas de outras regiões do mundo e que, de alguma forma, perfazem o rol de modalidades trabalhadas normalmente em ambiente escolar.

Assim, os trabalhos do dossiê vão no sentido de oferecer novas possibilidades de modalidades pouco difundidas nesse contexto. Trabalhos sobre o Tarracá, a luta Marajoara e as lutas de matrizes indígena e africana são indícios de uma nova proposta em relação ao ensino das lutas, mostrando que as regionalidades são fundamentais e os processos metodológicos devem passar pelas especificidades de contexto. Trazer esses elementos para os trabalhos acadêmicos ajuda a pensar o ensino a partir de uma diversidade cultural que pouco tem sido pensada.

Assim, o dossiê abre possibilidades de pensamento e amplia o sentido pedagógico. O Brasil é um país de dimensões continentais e a heterogeneidade de manifestações enriqueceu de forma substancial o entendimento que temos, hoje, sobre os processos de ensino e de aprendizagem.

Considerações Finais

Esse estudo teve como objetivo refletir sobre o ensino de lutas na escola a partir de trabalhos escritos para um dossiê sobre a temática. Durante o exposto tivemos a possibilidade de acompanhar as discussões oriundas de diversas regiões do país e que tiveram como base práticas pedagógicas de intervenção.

Ressaltamos a importância desse tipo de proposta que visa o aprofundamento e uma espécie de ‘compreensão do campo temático’ que potencializa e direciona os olhares, as reflexões e as propostas. Essa questão – propositiva – foi elemento fulcral dentro das discussões, e o enriquecimento proporcionado pelos dados culminou com uma série de elementos que irão ser debatidos e pensados no porvir.

A variação da metodologia também chama atenção nos trabalhos: pesquisa-ação, estudos de caso, pesquisas documentais, trabalhos quantitativos mostram a diversidade das intervenções e demonstram que as lutas podem ser analisadas por diferentes olhares teórico-metodológicos.

Ademais, as questões apresentadas nas discussões deste estudo também requerem um olhar mais profundo. O ambiente das lutas ainda parece ser substancialmente masculino e os dados são condizentes nesse sentido. Além disso, o ensino por modalidades, principalmente as modalidades mais tradicionais devem ser relativizadas, na medida em que os novos olhares pedagógicos pressupõem o incremento de propostas que abranjam olhares mais inclusivos.

Esses olhares devem relacionar as novas propostas com as regionalidades. Deste modo, as metodologias devem ater-se não apenas a forma de ensino, mas também ao conteúdo ensinado. Aprender sobre as questões específicas da cultura brasileira fará com que os discentes tenham um desenvolvimento simbólico e motor mais potencializado.

Por fim, é importante que façamos uma reflexão sobre a importância da elaboração de dossiês temáticos. A potência acadêmica e reflexiva proporcionada pela união de obras relativas a uma temática específica é um catalizador de processos analíticos capazes de compreender refletir e ampliar pensamentos. Sendo assim,

estimulamos que mais trabalhos como esse, sobre lutas ou sobre outros temas pertinentes a áreas diversas, sejam elaborados. Além disso, encorajamos autores e professores a debaterem sobre seus fazeres pedagógicos e a dividir com a comunidade científica suas relações com o campo de trabalho.

Referências

- Almeida, L. M., Costa, R. B. F., Venâncio, L., & Sanches Neto, L. S. (2021). Desmistificando as práticas de lutas e problematizando questões relacionadas à violência nas aulas de educação física.
- Almeida, M. O., & Rodrigues, H. A. (2023). Lutas, artes marciais e esportes de combate na Educação Física escolar: conhecimento e crenças de professores do Ensino Médio. *Cadernos do Aplicação*, 36(1). DOI: 10.22456/2595-4377.129722
- Andrade, M. S., Silva, V. R., Moreira, J. F. F., & Triani, F. S. (2023). O jiu-jítsu como tema da produção científica nos periódicos científicos da educação física brasileira. *Cadernos do Aplicação*, v. 36. DOI: 10.22456/2595-4377.131124
- Borges L. N., Fernandes M. P. R., Cisne M. D. N., & Ferreira H. S. (2021). Formação de professores para o ensino de lutas na educação física escolar: o estado da questão. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 16(3), 1547–1561. DOI: <https://doi.org/10.21723/riace.v16iesp.3.15297>
- Brasil, M. E. C. (1997). Parâmetros curriculares nacionais. *Ministério da educação e do desportosecretaria*.
- Brasil. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 20 jun. 2023.
- Brasil, J. (2017). Ministério da Educação. Base nacional comum curricular.
- Cadernos do Aplicação. (2023). Sobre a revista. Disponível em: <https://seer.ufg.br/index.php/CadernosdoAplicacao/about>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- Cardoso, J. C. S., & Furtado, R. S. (2023). Do modelo clássico de esportivização ao caso do MMA: implicações para a Educação Física escolar. *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.131302
- Costa, A. V., Lage, V., Safons, M., & da Costa, F. R. (2019). Desafios para o ensino das lutas na escola: um panorama a partir da base de dados do portal de periódicos da CAPES. *Cadernos de Formação RBCE*, 10(1).
- Castellani Filho, L., Lúcia, S. C., Taffarel, C. N. Z., Varjal, E., Escobar, M. O., & Bracht, V. (2014). *Metodologia do ensino de educação física*. Cortez Editora.
- Espírito-Santo, G. D., Palma, A., Vasconcelos, R. V., Assis, M. R. D., & Loterio, C. P. (2023). Desigualdades interseccionais nos programas de pós-graduação stricto sensu em educação física. *Educação e Pesquisa*, 49, e252722. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349252722por>
- Farias, M. J. A. (2023). “Eu vivia me ‘atarracando’ na rua e nem sabia que era luta”: um relato de experiência com o Tarracá em uma escola pública de São Luís (MA). *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.131277
- Ferreira, C. D. S., Cardoso, N. M. N., Cardoso, T. N., Mariante Neto, F. P., & Vasques, D. G. (2023). The teaching of fights in school physical education: a state of knowledge of brazilian studies. *Journal of Physical Education*, 34, e3417. DOI: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v34i1.3417>
- Fonseca, M. P. D. S., Peres, M., & Ludovino, R. (2023). Relato de experiência no projeto de extensão Educação Física escolar na perspectiva inclusiva: o protagonismo estudantil nas lutas. *Cadernos do Aplicação*, 36.

- Furtado, R. S. (2023). Tensões, aprendizagens e reflexões no trato com as lutas na escola: relato de uma experiência de autoformação no Ensino Médio. *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.130380
- Gomes, M. S. P., Scarazzato, J., & Fabiani, D. J. F. (2023). As aulas de educação física como espaço de ensino-aprendizagem das lutas: uma experiência docente. *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.129898
- González, F. J., Darido, S. C., Oliveira, A. A. B. D., & Silva, L. C. F. D. (2017). *Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura*.
- Gonçalves, P. C. S., & de Lacerda Abrahão, B. O. (2023). Entre ABC's, glórias, pelejas, encontros, desafios: o ensino da Capoeira pela Literatura de Cordel. *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.129687
- Hegele, B., González, F. J., & Borges, R. M. (2018). Possibilidades do ensino das lutas na escola: uma pesquisa-ação com professores de educação física. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 16(1), 99-107. DOI: 10.36453/2318-5104.2018.v16.n1.p99
- IBGE, I. (2023). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010. IBGE Diretoria de Pesquisas Coordenação de População e Indicadores Sociais Estimativas da População residente, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- Lima, G. A., Jucá, L. G., Ferreira, H. S., & Maldonado, D. T. (2023). Tematização da luta marajoara nas aulas de Educação Física escolar: indícios de uma pedagogia crítica. *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.130740
- Lima, G. A., & Moura, D. L. (2022). Reflexões sobre o desenvolvimento da huka-huka nas aulas de educação física: uma revisão integrativa. *Revista Prática Docente*, 7(1), e019-e019. DOI: <https://doi.org/10.23926/RPD.2022.v7.n1.e019.id1426>
- Lobo, P. A., de Almeida Souza, G. H., Lima, R. J. F. M., dos Santos, L. O., de Oliveira, M. G. C., & da Costa Filho, R. (2023). As Lutas de Matrizes Indígenas e Africanas no CEPAE/UFG: um relato de experiência nos 4º anos do Ensino Fundamental. *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.131324
- Matos, J. A. B., Hiram, L. K., Galatti, L. R., & Montagner, P. C. (2015). A presença/ausência do conteúdo lutas na educação física escolar: identificando desafios e propondo sugestões. *Conexões*, 13(2), 117-135. DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v13i2.8640658>
- Mocarzel, R. C. S., Cardias-Gomes, F. J., & da Costa, P. R. G. P. (2023). Reflexões e discussões sobre as Lutas segundo a Base Nacional Comum Curricular. *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.131328
- Moreno, D. B., & Ferreira, H. S. (2017). Lutas na Educação Física escolar: possibilidade de acordo com as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais. *Conhecimentos do professor de educação física escolar [livro eletrônico]* Fortaleza, CE: EdUECE.
- Moura, D. L., da Silva Junior, I. A. L., Araujo, J. G. E., de Sousa, C. B., & da Cruz Parente, M. L. (2019). O ensino de lutas na educação física escolar: uma revisão sistemática da literatura. *Pensar a prática*, 22. DOI: 10.5216/rpp.v22.51677.
- Neira, M. G. (2018). Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. *Revista brasileira de ciências do esporte*, 40, 215-223. DOI: 10.1016/j.rbce.2018.04.001
- Neves, K. J. D. S., Antunez, B. F., de Souza, A. L., & Farias, M. J. A. (2023). “Então vamos aprender a brigar, tio?": Tematizando as lutas em uma escola pública de tempo integral no município de Porto Franco-Ma. *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.130365
- Nóbrega-Therrien, S. M., & Therrien, J. (2004). Trabalhos científicos e o estado da questão. *Estudos em avaliação educacional*, 15(30), 05-16. DOI: 10.18222/ae153020042148

- Onofre, T., Colângelo, J. V. M., & Lino, W. (2019). Balanço bibliométrico da produção científica em políticas públicas de lazer-Brasil 2012/2017. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 27(1), 164-176.
- Santos, L., de Vargas, F. M. F., & Justamand, M. (2021). Luta corporal indígena: contribuições à Base Nacional Comum Curricular (Bncc). *Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos*, 2(2), 55-63.
- Pereira, V. C., Folle, M. P., Milão, A., Trusz, F. J., R., & Farias, G. O. (2022). Produção científica sobre conteúdos de artes marciais e esportes de combate na educação física escolar: um estudo de revisão. *Movimento Ido pela Cultura. Jornal de Antropologia de Artes Marciais*, 22 (3), 33-43. DOI: 10.14589/ido.22.3.6
- Pereira, M. P. V. C., Duek, V. P., Scaglia, A. J., Graça, A. B. S., & Farias, G. O. (2023). Reflexões da docência em disciplinas de lutas: casos de ensino enquanto técnica investigativa. *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.127856
- Rufino, L. G. B. (2012). *A pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades*. Paco Editorial.
- Rufino, L. G. B., & Darido, S. C. (2015). The teaching of fights in physical education classes: analyze of pedagogical practice in the light of experts. *Revista da Educação Física/UEM*, 26, 505-518. DOI: 10.4025/reveducfis.v26i4.26441
- Santos, C. A. F., Andrade, W. A. G., & de Freitas, R. G. (2023). Luta marajoara na escola: relatos de uma sequência pedagógica para o 3º ano do ensino fundamental. *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.128914
- Santos, C. A. F. D., Gomes, I. C. R., & Freitas, R. G. D. (2020). Luta Marajoara: lugar ou não lugar no currículo de uma IES pública do estado do Pará. *Motrivivência*, 32(61). DOI: 10.5007/2175-8042.2020e65668
- Silva, L. H., Cardoso, B. M., Junior, A. C. T., & da Silva, B. D. J. (2023). Ensino online das lutas corporais: relato de um projeto de extensão. *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.131253
- Sousa, C. A., Costa, T. B., & Ehrenberg, M. C. (2021). Educação Física decolonial: análise, desafios e perspectivas em Paulo Freire e Frantz Fanon. *Educação*, e112-1. DOI: 10.5902/1984644444110
- Thomazini, S. O., Moraes, C. E. A., & Almeida, F. Q. (2008). Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores (as) de mixed martial arts. *Pensar a prática*, 11(3), 281-281. DOI: 10.5216/rpp.v11i3.4992
- Ueno, VLF e de Sousa, MF (2014). Agressividade, violência e budô: temas da Educação Física em uma escola estadual em Goiânia. *Pensar a Prática*, 17 (4). DOI: 10.5216/rpp.v17i4.29540
- Urbinati, K. S., de Medeiros, L. F., & de Oliveira, M. A. (2023). A implantação do muay thai como possibilidade educativa na educação física escolar. *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.131347
- Velloso, L. R. S., Finatti, V. H., Maldonado, D. T., & dos Santos Freire, E. (2023). Cultura das lutas na Educação Física Escolar: por uma educação politécnica no IFSP. *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.127815
- Vidal, R. G. (2023). Metodologia do ensino das lutas esportivas aplicadas no ensino fundamental. *Cadernos do Aplicação*, 36. DOI: 10.22456/2595-4377.128507
- Vosgerau, D. S. A. R., & Romanowski, J. P. (2014). Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Rev. Diálogo Educ*, 165-190. DOI: 10.7213/dialogo.educ.14.041.DS08

Informações sobre os autores

Flávio Py Mariante Neto: Possui Graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em ciências do movimento humano (UFRGS). Doutorado em ciências do Movimento humano (UFRGS).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3240-9914>

E-mail: flaviomariante@hotmail.com

Nicole Marcell Nunes Cardoso: Estudante de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área de estudos socioculturais em esportes e lazer. Bolsista de mestrado CAPES. Graduada em Educação Física Licenciatura (2022) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5137-1950>

E-mail: nicolem.nunes@hotmail.com

Daniel Giordani Vasques: Professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS, onde fez estudos de pós-doutorado.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8955-9676>

E-mail: daniel.vasques@ufrgs.br

Submissão: março 13, 2024

Aceite: maio 14, 2024